



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIZ CEZAR DOS SANTOS

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-302

Entrevistado: Luiz Cezar dos Santos

Nascimento: 09/01/1964

Local da entrevista: Hotel Nacional, Brasília - DF

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 14/12/2012

Transcrição: Natália Bender

Copidesque e Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 26 minutos e 29 segundos

Páginas Digitadas: 11

Observações:

Entrevista realizada para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção na Equipe Colaboradora do Programa Segundo Tempo (PST); Especialização oferecida pelo PST aos coordenadores na Universidade de Brasília; Atividades realizadas no PST; Processo de avaliação dos núcleos; Inclusão e andamento de convênios; Materiais produzidos; Limites e possibilidades do PST; Importância social do projeto; Contribuição para sua formação e seu trabalho como professor.

Porto Alegre, 14 de dezembro de 2012. Entrevista com Luiz Cezar dos Santos a cargo da pesquisadora Silvana Vilodre Goellner, para o Projeto Garimpendo Memórias – Programa Segundo Tempo, do Centro de Memória do Esporte.

S.G. – Boa tarde Luiz. Queria te agradecer pela disponibilidade de conceder uma entrevista para o projeto Memórias do Programa Segundo Tempo e queria que tu começasses falando qual é o teu envolvimento com o projeto, como que tu chegaste até esse programa.

L.S. – Bom, é um prazer estar contribuindo com esse projeto maravilhoso. Eu sou avaliador do Projeto do Segundo Tempo desde o início, quando foram criadas as Equipes Colaboradoras. Não me lembro a data exatamente, mas tive uma participação antes, na qualidade de professor, supervisor e orientador de monografias no curso de capacitação que teve na primeira versão. O curso foi realizado pelo CEAD, o Centro de Educação à Distância da UNB, naquele momento o ministro era Agnelo Piva. O Programa estava no seu início e houve a necessidade de capacitar os monitores e os coordenadores, o que foi feito uma parceria com a universidade; eu não tive um envolvimento direto mas parece que foi constituído uma equipe de professores que elaboraram vários livros e prepararam o material dessa capacitação. Foi desenvolvido, e a UNB foi contatada para poder gerenciar esse processo e a ideia foi fazer um curso de especialização para os monitores e um curso de especialização para os coordenadores dos núcleos. O que aconteceu nesse processo? Na minha avaliação a ideia foi excelente, acho que a proposta foi muito bem elaborada no sentido da... Embora a EAD naquele momento ainda era uma dificuldade, ou já era uma dificuldade... Hoje a gente já supera bastante isso, mas o problema do curso que eu caracterizo não foi a ação em si; foi, na verdade, a existência de um cadastro e um total descontrole do próprio Ministério, de quem eram essas pessoas e a própria universidade teve a dificuldade nessa relação entre o CEAD e o Ministério de gerenciar esse cadastro dos alunos.

S.G. – De quem seria, quem faria o [Inaudível]

L.S. – Quem faria o processo de continuidade, como assim... Por exemplo, como eram indicados pelos prefeitos em geral, muitos deles, às vezes tinham pessoas amigas que não estavam vinculadas ao projeto e queriam fazer o curso de especialização, um curso da

Universidade de Brasília, um título, e às vezes nem era da área. Então a gente teve um transtorno grande porque as questões que a gente queria de interligar o curso com a ação, não acontecia. Então na verdade... Mas teve um grande resultado: foram várias monografias que defendidas, houve um processo de ida de professores, uma equipe de professores até da UNB e outros em parceria com outros professores de outras universidades para fazer a defesa da monografia.

S.G. – Tinha uma banca para defesa de apresentação?

L.S. – Tinha uma banca da defesa. Até tive a oportunidade... Foi um grande prazer já que a gente fala de história, a gente conta Aas coisas pessoais, de ir para Rio Claro onde eu tive a honra de estar junto com o professor Luiz Lorenzeto que foi meu professor de curso de especialização; a professora Irene Rangel também, e a gente estava junto numa banca e foi assim, um momento muito gostoso.

S.G. – Então só para entender, as bancas aconteceram em vários locais, que eram de onde os dos alunos vieram.

L.S. – Isto. Daí eu não tenho dados agora, mas depois a gente vai tentar conseguir...

S.G. – Seria bom.

L.S. – Mas aconteceram vários projetos e, aproveitando a oportunidade, eu tenho a honra de te presentear, por isso que eu pedi para filmar, eu tenho todas as monografias.

S.G. – Eu não acredito!

L.S. – Todas aqui nesse Cd que vou para deixar para você...

S.G. – Só tu mesmo para uma dar uma coisa dessas...

L.S. – Para deixar para você, eu acho que poderia até mostrar... Eu estou te presenteando, tem todas as monografias.

S.G. – Olha só, importância de quem cuida a memória! Que maravilha Luiz, isso aqui é super importante porque é uma história que a gente não conseguiu nem no Ministério. A gente procurou esse material e não conseguiu encontrar. Super legal!

L.S. – Tem a maioria aqui que está em formato pdf, tem os relatos de experiências...

S.G. – Sim, o Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte já vai receber esse material na semana que vem.

L.S. – Eu não tenho na verdade nenhuma declaração de ninguém essas coisas...

S.G. – Não, mas isso aí é tranquilo da gente viabilizar porque é do acervo institucional...

L.S. – Falando disso também eu acho que é importante porque tem material de relatos de experiências fantásticas e depois se a gente tiver interesse em fazer algum trabalho eu gostaria até de participar junto...

S.G. – Com certeza.

L.S. – Mas então eu acho o seguinte: naquela época, eu lembro de um sábado à tarde, e a gente estava em uma reunião do Ministério com o ministro Agnelo e o ponto que eu sempre bati... E a gente estava comentando que está avaliando esse processo que deu muito desistência e tudo mais porque o cadastro não estava bem amarrado; as pessoas desistiam e não havia o vínculo deles com o projeto muito claro. E era a questão da avaliação, então, eu acho que agora até é mais um momento gostoso de comentar, que eu lembro... Como eu já tive algumas experiências de projeto na época, no passado com a UNICEF, eu cheguei a comentar com ele sobre o processo de avaliação do Segundo Tempo, e perguntei: como é que vai ser? E naquele momento ele falou: “Não, nós estamos tentando com a UNESCO conseguir um protocolo, desenvolver e que na verdade é o projeto que a gente tem hoje das Equipes Colaboradoras. Então, naquele momento, a gente identificava esse problema e hoje eu acho que a gente tem a satisfação de estar avançando;

já temos alguma coisa de dados para mostrar e eu fico satisfeito também de estar nesse processo desde aquelas dificuldades e veio essa evolução até agora.

S.G. – E como que tu vêes que até hoje a questão da avaliação? Tu que pertence à Equipe Avaliadora, como que é esse processo? Como vocês tem se estruturado, o que tu acha que avançou em relação aquele período?

L.S. – Olha, eu acho que a Equipe Avaliadora tem algumas limitações da própria função dela. Inicialmente a gente começou com a função muito mais de fiscalizadora, estava muito claro isso, embora até se dizia que não era; mas nos documentos está tudo claro, eu acho que a gente tem que evoluir muito também nesse documento... Ela tem itens que talvez pudessem ser preenchidas de outra forma e ou retiradas porque caracteriza muito essa fiscalização. Ou então definir realmente. Há essa função e tem que ser cumprida. Hoje a gente já evoluiu mais na questão pedagógica, então, a visita é vista pelos grupos como uma coisa de “Salvador da Pátria”. Tipo: “Q bom que você está aqui, você pode ajudar a gente?” Claro a gente passa várias ideias; a gente faz um trabalho durante a visita que eu costumo fazer muita demonstração mesmo, entro na aula e falo: “Olha, devia fazer isso, essa ideia”. Só que eu acho que falta mesmo ainda é grandes lideranças. Uma coisa que eu acho que a gente vai ver muito e a gente tem que tirar exemplos dos projetos que estão no Ministério da Defesa. Embora a gente ache que o Ministério da Defesa trabalhe numa linha dura, de uma disciplina exagerada, mas olha que tem bons exemplos. Tive um núcleo em Alagoas fantástico; tem espaço das aulas de Educação Física mas tem o espaço da dinâmica militar que é chegar, tirar o bonezinho, cantar o hino nacional... eu acho que a disciplina precisa ser introduzida em momentos, precisa acontecer, não é uma coisa assim... Eles vão ter o espaço de criação, mas a organização é preciso. Então eu acho que falta isso nas lideranças porque muitas lideranças às vezes veem o projeto como ocupação do espaço das crianças. Então quando a gente encontra.. É igual na época do Recreio nas Férias... Eu fiz visitas no Recreio nas Férias no estado do Tocantins e deu uma confusão danada porque foi muito em cima da hora e eu acho que teve problema com o próprio estado. E o que foi claro para mim é que no núcleo onde o coordenador era uma pessoa motivada, que vestia a camisa, os problemas eram acionados.

S.G. – Certo.

L.S. – Então eu acho que o que precisa muito é trabalhar nessa dimensão. Eu acho que precisa muito valorizar a remuneração desses coordenadores e professores, talvez com uma ideia de contrapartida de Ministério e município. Eu acho que teria que criar algo tipo “Eu pago uma parte e você complementa com x” para a gente garantir continuidade, existe muita descontinuidade.

S.G. – É isso que eu ia te perguntar. Nesse processo: inicia e acaba e depois não volta o convênio, é isso?

L.S. – Eu diria um outro nível, uma mudança de monitor e tutor. Então eles vivem aquilo ali como um emprego, igual vaga de Natal, é temporário para muitos. Isso tinha que acabar porque um projeto que tem seriedade, tem uma abrangência grande, não dá para uma pessoa começar um trabalho e em dois, três, seis meses sair. Eu acho que isso a gente devia pensar porque é um investimento federal muito grande. Para garantir uma continuidade tem que ter alguma forma de pensar isso daí porque, por exemplo, a nossa capacitação, o nosso envolvimento da equipe, eu acho que se de repente começa e chega lá na outra visita e não tem mais nada.

S.G. – Luiz, voltando ao curso feito pela UNB, o que tu acha que ficou de positivo Desse curso, porque às vezes a gente ouve que parece que esse curso não foi tão importante para o PST. E eu acho que ele aconteceu em um momento histórico, teve as suas contribuições, teve as suas limitações como qualquer outro processo. Então, tu que viveste esse momento, o que tu achas?

L.S. – Talvez seria interessante depois recuperar e conversar com algumas pessoas que fizeram o grupo dos professores, eu não sei o nome de quem eles chamavam...

S.G. – Não são colaboradores?

L.S. – A própria Suraya¹...

S.G. – O Jocimar Daolio, o João Batista Freire...

L.S. – O professor Marcelo de Brito que estava na UNB e agora está em Portugal pode ser contatado, ele deve estar para retornar. Então o que, na verdade, é importante ressaltar isso que você está falando, é que teve um grande resultado. A gente tem as monografias produzidas, parece que até tem uns livros do pessoal de Pernambuco, eu posso descobrir depois, que traduziram o material... Eu acho que a gente começou a mostrar a necessidade da capacitação. A gente identificou a necessidade de um sistema apurado de controle do projeto, então, eu acho que isso é extremamente positivo e o material que foi produzido ainda existe é muito rico.

S.G. – Só com relação ao material, eu queria te chamar a atenção para isso: a gente tem parte desse material lá no Centro de Memória e colocou no Repositório Digital. A gente percebe hoje que esse material continua sendo acessado, então, a gente vê que tem vários *downloads* do material produzido nesse curso. Quer dizer: ele ainda reverbera porque acho que os temas que apareceram ali são temas importantes.

L.S. – É, eu acho que não muda. Pelo que eu entendi, só torna mais rico o que se vai produzindo a seguir. Eu acho que naquele momento também havia o momento da expansão do Segundo Tempo. Era o momento político bacana do governo, onde queria se ter quantidade. Hoje a gente já está na qualidade.

S.G. – Certo.

L.S. – Com a quantidade, ampliando a quantidade, mas com qualidade.

S.G. – Mas também com a preocupação com a qualidade.

L.S. – É, eu acho que a gente tem esse cuidado. Agora, existe.. Em geral quando a gente vai nas visitas, a gente vê as relações dos municípios e eu acho que quando o convênio está vinculado ao município é bem mais rico ou mais fácil da gente avançar do que quando é no estado. Dependendo da minha avaliação ou a ONG... Eu já tive uma experiência no estado

¹ Suraya Cristina Darido, professora da UNESP.

de Tocantins onde o estado até dava algumas coisas. Poxa, nossas visitas e eles até mandavam motoristas ir junto com a gente porque o estado é muito grande é muito difícil; só que a gente percebia que houve problema de pagamento, então, havia uma não preocupação com sobre a importância de que é o projeto. Eu acho que quando a gente tem o município comprometido... O projeto precisa ter algumas amarras mais firmes. Outra questão importante: não podemos deixar de guardar do projeto a história, a história mesmo. A gente tem encontrado nos projetos nas cidades, lugares onde há uma disputa das crianças pelos programas sociais. Ouvimos muito: “A criança saiu daqui porque tem que ganhar a bolsa lá.” Então eu já vou até propor para a equipe, não de incluir no bolsa família uma obrigatoriedade dele estar vinculado ao projeto mas que a gente tenha esse controle maior; eu acho que precisa ter mais comprometimento do dirigente que recebe o projeto porque ele simplesmente recebe tudo de mãos dadas.

S.G. – O conveniado?

L.S. – O conveniado. Eu acho que tem que ter alguma contrapartida. A gente já mostrou a qualidade do nosso trabalho, mostrou a relevância, então bom, o município vai ter que fazer alguma coisa.

S.G. – Entendi.

L.S. –Eu vejo que é parceria, porque senão, não avança. Porque pode até ter projetos com uma previsão mais longa para poder continuar avaliando, ai dá continuidade, tem resultados melhores.

S.G. – Muito legal. Luiz, tu que tens uma vivência longa no Programa Segundo Tempo. Qual a importância que esse programa tem para as políticas públicas no Brasil, para o esporte, como que tu avalia?

L.S. – Eu vou começar a pensar na questão de baixo para cima: do município. O que acontece, a gente vê primeiro que é uma oportunidade de atendimento à criança que é muito qualitativo; então o lugar, o município que tem o Segundo Tempo, ele tem essa oportunidade de desenvolver uma ação muito bacana para essas crianças. Quando a gente

avança do ponto de vista das universidades eu acho que é de pensar o esporte. Eu acho que a gente está contribuindo sim, talvez aos poucos, porque o projeto não aparece na mídia do ponto de vista da competição; não tem isso, talvez a gente precisasse mostrar mais esses resultados, mas eu acho que o envolvimento das universidades das pessoas... Eu trabalho com projeto de extensão e até vou aproveitar para fazer um comentário: por exemplo, eu tenho o curso de Educação Física à distância da Universidade de Brasília, eu sou o coordenador pedagógico de extensão. No nosso currículo a gente criou uma disciplina que chama Práticas Curriculares. Então ela é obrigatória para o aluno, é no terceiro semestre se não me engano ou segundo. Ele faz uma disciplina que avalia sobre a comunidade, sobre as práticas corporais naquela comunidade e demandas; na disciplina seguinte, ele faz um projeto de intervenção pedagógica no campo da Educação Física para a comunidade e no terceiro ele aplica. A gente concluiu a disciplina semana passada e há vários polos e a gente vê um borbulhar nesse negócio de mexer com a comunidade. A nossa preocupação agora é tentar garantir uma continuidade desses projetos, que depende de apoio do município.

[INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA]

L.S. – Bom, a gente estava falando da terceira disciplina, Práticas Curriculares III. Nela o aluno aplica na comunidade. Então a gente identifica que há uma mudança nessa comunidade, uma movimentação. Eu estou tentando articular com os prefeitos para ver se eles apoiam isso, que o aluno precisa de uma bolsa para continuar. Tem um caso bacana, interessante que aconteceu onde a menina desenvolvia o projeto na cidade vizinha e quando terminou, ela falou para as senhoras. Era Ginástica na praça. Ela falou para a senhora: “Ah, não dá”. As senhoras se mobilizaram, a prefeita contratou essa aluna, mesmo não sendo formada; ela mudou de cidade, mudou a vida toda dela, de município e até hoje o projeto continua e acontece.

S.G. – Como é que é o nome da cidade?

L.S. – Coromandel. Então é um dos polos que gente tem. O que eu tiro dessa comparação do nosso curso à distância com o Segundo Tempo? Primeiro que essas ações, os municípios carecem de ações dessas; o segundo é que a gente precisa qualificar essas

ações, mas também com o compromisso de continuar. Muito do Segundo Tempo começa e acaba porque não tem o compromisso do município. Então é uma questão básica...

S.G. – Eu vou pensar no que eu posso perguntar pra ti, porque... Tu falaste do curso da UNB, tu falaste do processo de avaliação...

L.S. – Eu falei da política pública...

S.G. – Eu queria saber: você trabalha na universidade também, o que o PST contribui na tua formação como professor da universidade?

L.S. – Bacana, bacana.

S.G. – Essa relação é importante porque esse programa te fez repensar algumas formas ou como que isso aparece nas disciplinas, nos projetos que tu coordenas?

L.S. – Bom, na verdade como eu coordeno, eu tenho várias atuações... Em uma delas eu sou professor de estágio e o estágio é desenvolvido no programa de tática de ensino, um programa esportivo que eu tenho lá que se chama Oficinas Esportivas; é um programa que tem já vários anos, eu fundei em 1992, tinha recém chegado na universidade. Ele atende a crianças de cinco a quatorze anos e é onde os alunos desenvolvem a prática de ensino, não todas as práticas, mas as minhas. Então essa é uma atuação. A outra atuação é na disciplina de Aprendizagem Motora e a gente lida muito com a questão da prática da Educação Física, o ensino de habilidades motoras, perceptivo-motoras. Com o Segundo Tempo eu trago muitos exemplos de situações positivas, situações negativas para o meu dia-a-dia. Eu diria o seguinte: as visitas que eu faço, é até uma alegria, eu gosto muito de fazer visitas, passear é sempre bom, mas então está sempre reforçando uma realidade que esses alunos vão encontrar no futuro como profissionais; eu acho que alimenta, é um combustível que te alimenta porque como professor universitário tu estás fora das práticas, embora eu tenha essa prática do projeto, que ele tem uma característica específica, é uma clientela mais de funcionários, professores mas não tem a situação tão de risco. Então a ida para esses projetos eu poderia dizer que é um combustível para essas experiências e relato isso nas aulas. A outra coisa que muda é que a partir do projeto eu tenho que me manter

atualizado, estar constantemente ligando dentro da minha linha de estudo, questão de pesquisa leitura, e dentro dessa dinâmica mais pedagógica e tudo mais.

S.G. – E esse material pedagógico que o programa tem produzido, os livros, os vídeos, isso acaba aparecendo nas tuas disciplinas, vocês fazem utilização disso?

L.S. – Eles estão todos em cima da mesa; eu tenho uma sala do projeto e estão colocado lá, inclusive eu tenho que pegar mais algumas cópias para ter mais cópias como modelo de plano de aula, modelo de experiências e nos textos. Então está tudo nessa minha disciplina de estágio e a gente consulta bastante esse material. É bem útil, eu acho que é legal.

S.G. – Luiz, tem alguma coisa que eu não tenha te perguntado que tu querias falar ainda sobre o programa, sobre a memória do programa que vai fazer dez anos. Tu achas que é importante a gente buscar essa história, que acabou trazendo um material que a gente estava atrás e não conseguia achar...

L.S. – Isso aí é um presente. Primeiro eu acho que tem que relatar assim: é bacana a gente ver um trabalho desses, eu estou tentando lá na faculdade junto com um colega para a gente relatar, criar a memória da faculdade, que tem o professor Cantarino², então, a gente tem a árvore dele lá.

S.G. – A dona Helena³ me contou hoje.

L.S. – É, tem a árvore dele que ele plantou. Eu estou querendo resgatar aqui para a gente plantar outras árvores,; teve uma professora que é Laura Elvira⁴, muito famosa, antiga também, que ela nos doou o acervo dela. Eu quero já plantar a minha árvore lá para quando... Eu vou plantar a castanheira, porque só vou botar as cinzas quando tiver as castanhas, 50 anos.

S.G. – Está ótimo. Está muito bem.

² Mário Ribeiro Cantarino Filho

³ Helena Catarino, esposa do professor Mário Cantarino.

L.S. – Mas assim, em termo de história do Segundo Tempo, eu acho legal relatar desses encontros que a gente tem que é bacana. Tem um fato que eu acho que é legal deixar registrado: algumas pessoas às vezes não notam, mas a gente conseguiu manter no grupo uma forma de interação muito além do profissional, mais amigável; a gente não vê em outras áreas um palestrante, um coordenador geral fazendo uma piada lá na frente de um colega e tudo mais. Eu acho que é um fato legal, marcante, a gente tem interação. Do Segundo Tempo o que mais que eu gostaria de relatar? Tem um fato bacana sim. Eu estava avaliando um projeto do Ministério da Defesa em Brasília, no quartel e o comandante fez um relato da situação de uma mãe. Que a mãe chegou para ele elogiando o projeto e dizendo: “Pela primeira vez quando eu chamei o meu filho ele falou: Sim senhora, minha mãe.” Aí eu comecei a pensar na conotação, ele aprendeu automaticamente, mas ela foi questionada sobre isso e disse que não, porque ele nunca dava atenção, nunca ouvia. Então a disciplina que foi desenvolvida e foi para ela foi marcante. Deve ter muitos relatos desses, de mães, acho que seria legal...

S.G. – Mais algo?

L.S. – Eu acho que é só isso.

S.G. – Muito obrigada pela entrevista.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁴ Nome sujeito à confirmação.